

Entrevista com André Leonardo Chevitarese: um novo olhar sobre o estudo do Jesus Histórico e do Paleocristianismo *

Interview with André Leonardo Chevitarese: a new look at the study of the Historical Jesus and the Paleo-Christianity

André Leonardo Chevitarese é graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986). Possui Mestrado em História Social pela mesma universidade (1989), com Doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (1997) e Pós-Doutorado em História e Arqueologia pela Universidade de Campinas (2003). Atualmente é Professor Associado do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ. É, também, Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas. Possui ampla experiência na área de História, com ênfase em História Antiga Greco-romana, Judaísmo Helenístico e Paleocristianismo. Na última década tem se dedicado ao estudo das experiências religiosas, com ênfase no Jesus Histórico e nos primórdios do cristianismo.

Chevitarese coordena um grupo de pesquisa que reúne alunos interessados em estudos sobre religião antiga, enfatizando suas implicações sociais, culturais e históricas. O grupo empenha-se na divulgação e publicação dos resultados de suas pesquisas em revistas científicas voltadas para o público em geral.

O professor é autor e organizador de um extenso número de obras, dentre as quais podemos citar: *O espaço rural da pólis grega* (2000); *Sociedade e religião na Antiguidade Oriental* (2000); *O campesinato na história* (2002); *Judaísmo, cristianismo e helenismo* (2007); *A tradição clássica e o Brasil* (2008); *A descoberta do Jesus Histórico* (2009); *Cristianismos* (2011); e a mais recente *Jesus no cinema* (2013).

* Entrevista concedida a Carolline da Silva Soares em 22 de julho de 2013, com o apoio de João Carlos Furlani.

1. Carolline da Silva Soares: Duvida-se muito acerca da real existência de Jesus, pois os escritos que versam sobre a sua vida são de épocas posteriores ao período em que ele viveu. Quais as evidências mais seguras que temos sobre a existência real de Jesus?

André Leonardo Chevitarese: A evidência mais segura que nós temos é de natureza teórica e metodológica, pois, quando se pensa em figuras históricas do passado, nós lançamos mão da metodologia da múltipla confirmação, isto é, quando diferentes autores que nunca se viram, nunca se leram, são capazes de afirmar coisas, falar coisas, citar palavras textuais de uma terceira, a probabilidade de esta terceira pessoa ter existido é muito grande. Então, o critério maior que aplicamos é cotejar documentos diferentes, de autores diferentes, de épocas diferentes, que nunca se conheceram, nem nunca se leram, mas que são capazes de falar coisas idênticas sobre essa terceira pessoa. Esse é o caso, por exemplo, de Paulo, de Marcos e de João. Estes são três autores que nunca se leram, que nunca se viram, que nunca se encontraram, mas que falam coisas sobre Jesus, citam palavras advindas de Jesus que coincidem em tudo. Então, nós podemos, do ponto de vista teórico e metodológico, dizer que Jesus existiu. Fora isso nós temos também todo o ambiente histórico e arqueológico de lugares nos quais se afirma Jesus ter passado, de ter, em algum momento da sua vida, de seu ministério, estado ali. Esses lugares se coadunam com o que a nossa documentação do século I afirma. Como evidências para o caso de Jesus não faltam, podemos dizer que ele é uma personagem histórica.

2: Qual a relação entre Jesus Histórico e o Paleocristianismo? Podemos considerar Jesus fundador de uma religião cristã?

R: Não, eu não leio assim. Em minha opinião, Jesus, para falar o que falou, para fazer o que fez, não precisou sair do judaísmo. Na verdade, eu também leio que as experiências religiosas, por exemplo, o judaísmo, o cristianismo, o islamismo, o budismo, entre outras, são sempre multifacetadas, são sempre plurais. Isso quer dizer que a experiência religiosa não é algo que desce do céu para a terra, mas é da terra para o céu. Isso implica afirmar que são seres humanos que se reúnem e começam a pensar e avaliar o sentido da vida, do tempo que passa, de um cosmos que os envolve. Jesus nasceu, viveu e morreu como um judeu. Jamais precisou deixar o judaísmo. Como o judaísmo é plural,

talvez fosse melhor falar em “judaísmos”. Eu penso que a experiência cristã como algo separado do judaísmo emerge muito mais no final do século II do que no século I. Esse é um processo que demanda uma consciência clara de que judeus e cristãos integram grupos diferentes, movem-se em campos diferentes.

3: Quais são hoje as principais escolas de interpretação/correntes historiográficas sobre o “Jesus Histórico”?

R: Há um conjunto bastante variado de leituras e de percepções acerca do *Jesus Histórico*. De imediato podemos estabelecer uma breve historiografia do *Jesus Histórico*. A reflexão histórica em torno de Jesus é algo novo, que começa no século XVIII. Até o século XVIII, o Jesus é o da fé, não existe o *Jesus Histórico*. O *Jesus Histórico* e o da fé eram quase a mesma coisa, com a prioridade de uma leitura do Jesus pós-pascal, um Jesus que ressuscitou, que já portava um status de divino. É o século XVIII, na fase do Iluminismo, que inaugura a leitura de um *Jesus Histórico*. Nós temos, num primeiro momento, a busca por esse Jesus por meio das biografias; depois nós vamos ter uma leitura, mais para o final do século XIX até 1945 – para sugerirmos uma datação –, de um Jesus ariano, um Jesus loiro, branco, de olhos azuis; há um terceiro momento, em que esse Jesus começa a ganhar novos contornos. Daí em diante a documentação, antes lida estritamente sob um ponto de vista teológico, é retomada em termos históricos. A Teologia para ser feita, para ser pensada, necessita da História. Após 1945, os Evangelhos e as cartas paulinas começam a ser lidas como fontes históricas sobre um *Jesus Histórico*. Creio que no final dos anos 1980 e inícios dos anos 1990, a busca pelo *Jesus Histórico* ganha uma leitura mais transdisciplinar, isto é, pensa-se em um Jesus do ponto de vista histórico, arqueológico, sociológico, antropológico e estas múltiplas leituras passam a determinar o rumo das pesquisas.

4: Como a pluridisciplinaridade – isto é, as demais ciências –, em especial a Antropologia, pode colaborar no estudo do “Jesus Histórico”?

R: Creio que hoje qualquer pesquisa no âmbito das Ciências Sociais – e eu penso a História dentro das Ciências Sociais – só ganha peso e relevância se pensada numa perspectiva transdisciplinar. Não é possível o historiador pretender estudar um objeto

apenas e tão somente com os instrumentais que a História oferece. Pensar uma pesquisa, um objeto qualquer, na confluência da História, Antropologia e Sociologia é fantástico. Para quem trabalha, por exemplo, com o Paleocristianismo ou com o cristianismo originário, a Arqueologia torna-se decisiva. Não é necessário que o historiador se transforme em arqueólogo, mas é decisivo que se considere o que a Arqueologia tem a dizer. Já da Antropologia advém teorias que nos ajudam a pensar questões que, *a priori*, sem esses aparatos teóricos, jamais pensaríamos. Por exemplo, o meu grupo de pesquisa, com orientandos de graduação, mestrado e doutorado, aqui do Rio de Janeiro e da Unicamp, trabalha bastante com teorias advindas da Antropologia, particularmente com Sahlins e Geertz. Outro autor importante é Carlo Ginzburg, que, embora seja historiador, faz um diálogo bastante salutar com as demais disciplinas.

5: Qual a maneira – ou as maneiras – mais apropriada para tratarmos metodologicamente o estudo do Paleocristianismo?

R: De imediato, tem-se que pensar em documentos de naturezas diferentes. Não é apenas a documentação textual que deve ter primazia na pesquisa. Ela é importante, ela é decisiva, mas a cultura material torna-se um elemento chave para se pensar estas questões. Eu escrevi um artigo que trata especificamente de um achado arqueológico, a tal piscina de Betesda, mencionada em *João 5*, discutindo como essa descoberta vai proporcionar uma série de questões, uma série de perguntas que até então não éramos capazes de fazer. A descoberta desta piscina se deu no final do século XIX, mas, concomitante a ela apareceu, no coração de Jerusalém, um *asklepeion*, isto é, um santuário de Asclépio. Tudo indica que a tal piscina fosse um reservatório de água para abastecer Jerusalém e que o *asklepeion* seria o lugar onde Jesus efetivamente operou uma ação miraculosa. Então, sem a descoberta arqueológica nós não teríamos condições de avaliar a possibilidade de Jesus estar num santuário do deus Asclépio curando alguém.

6. CSS: Ao estudar o Paleocristianismo, de que forma podemos contribuir para uma visão mais ampla e variada das diversas expressões religiosas antigas no contexto mediterrâneo?

R: Eu penso essa questão num caminho diferente, sob um viés diferente. Eu creio que a Antiguidade é sempre muito contemporânea. As questões que nós formulamos a esta Antiguidade são derivadas do nosso tempo presente. A prioridade nas minhas pesquisas e nas dos meus orientandos é sempre realizar a conexão com o tempo presente. Pensar questões próprias da bacia mediterrânea, não importa o recorte temporal, é pensar que estas questões não se restringem à Antiguidade, pois elas nos permitem avaliar o tempo presente. Eu tenho me voltado muito para temas relacionados com o fundamentalismo religioso, que tem pouco a ver com a Antiguidade, mas muito a ver com o tempo presente. Só o fato de eu pensar “cristianismos”, só o fato de eu mencionar “judaísmos”, já rompe com a ideia de que há uma confissão cristã contemporânea dona de uma verdade em detrimento de outras que seriam falsas ou mentirosas. O Paleocristianismo ou os cristianismos originários são decisivos, não tanto para o século I, muito embora a pesquisa documental seja relativa a esse século, mas são decisivos para colocar em xeque uma visão unilateral, exclusivista de um determinado campo confessional que reclama o monopólio da verdade sobre Jesus.

7: O senhor lançou um livro acerca do tema Jesus no cinema. Como surgiu esta ideia e quais foram as motivações para realizar tal trabalho?

R: Eu vejo os filmes como documentos. São tão documentos quanto a leitura dos Evangelhos ou as pinturas em catacumbas cristãs. Os filmes constituem documentos que estão acessíveis ao historiador para que ele possa pensar o seu objeto. A figura do *Jesus Histórico*, conforme eu já mencionei, é extremamente contemporânea porque, até o advento do Iluminismo e da laicização, desse tempo presente no qual vivemos, o Jesus era o da fé. Logo, os filmes constituem, para mim, uma forma de entender as recepções que a modernidade faz acerca do *Jesus Histórico*, isto é, o que os filmes me revelam nada têm a ver com o século I, uma vez que nenhum diretor fez uma pesquisa histórica ou arqueológica para filmar Jesus. Mas nos filmes, ao trabalharem a imagem de Jesus, ao trabalharem cenários relativos à Judeia, Galileia, Samaria, no século I, me permitem entender como a contemporaneidade, como o tempo presente, interpreta essa figura histórica. Em *Jesus no cinema*, volume 1, livro que estou lançando agora, que

trata exclusivamente do cinema mudo, isto é, entre 1905 e 1928, formulo as seguintes conclusões: 1) o Jesus que aparece ali nunca é judeu; 2) o Jesus que aparece ali tem características extremamente liberais, em oposição às pregações que padres e pastores faziam nas igrejas; 3) o Jesus que está ali transita por questões muito contemporâneas. O que me interessou, por exemplo, foi entender porque nós, no século XX, não fomos capazes, ou porque os diretores dos filmes mudos não foram capazes, de pensar um Jesus judeu. Isso me abriu espaço para discutir o antijudaísmo, me abriu espaço para refletir sobre o darwinismo social, me abriu espaço para discutir questões de raça. Essas discussões permitem captar o *Jesus Histórico* tanto no século I, no século XV ou nos séculos XX e XXI. Essa é a questão de fundo.

8: Quais as perspectivas de estudo do "Jesus histórico" no Brasil?

R: Eu diria que as pesquisas estão começando, e não apenas no Brasil. As Ciências Sociais estão, há pelo menos 30, 40 anos, se debruçando sobre a figura de Jesus, sobre os vários ambientes relacionados aos cristianismos antigos, medievais, modernos e contemporâneos. Nós estamos chegando com muito atraso num ambiente amplamente dominado pela Teologia, pelos teólogos, pelos religiosos. Isso vale para todos os grandes centros de pesquisa do mundo, incluindo o Brasil. Particularmente, no Brasil, os especialistas nessa área são ainda poucos. O grupo de pesquisa, por exemplo, da Ufes, tem o privilégio de ter o professor Gilvan Ventura como uma referência para pensar cristianismos e Império Romano, coisa que a imensa maioria dos estudos teológicos não faz, pois eles deslocam Jesus para um ambiente quase etéreo no qual o Império Romano não existe ou o Império Romano aparece como uma pedra colocada por Satanás para perseguir os cristãos. Isso Gilvan não faz. O grupo dele constitui um dos poucos centros a dispor de um intelectual para estabelecer o campo de pesquisa, estabelecer linhas de pesquisa sobre o cristianismo antigo. A UFRJ também tem, e eu me faço presente aí; A Unicamp, com Pedro Paulo Funari, e eu também atuo lá; a Universidade Metodista do Estado de São Paulo tem uma figura como Paulo Nogueira, que quase destoa desse universo; a UNB tem Gabrielli Cornelli. Enfim, reparem que eu estou mencionando alguns poucos nomes, e é isso efetivamente o que nós temos, alguns poucos nomes. Lá no Pará, na UFPA, maravilhosamente, nós temos dois intelectuais atuando, a Roberta Alexandrina e o Josué Berlesi, que trabalham no *campus*

de Cametá. Há, também, Ana Teresa Marques Gonçalves, em Goiás. Eu diria que somos uns dez, quinze, indivíduos no máximo, a trabalhar o sentido acadêmico dessas questões. E é natural, pois os teólogos ainda dominam a área.

9: É possível que essas novas interpretações e visões acerca do "Jesus Histórico" ultrapassem os meios acadêmicos e alcancem o público em geral?

R: Eu só acho isso possível. O estudo do *Jesus Histórico*, ou melhor, desse objeto, é um dos raros, dentro das Ciências Sociais, a ultrapassar os muros da academia e chegar ao grande público. O grande público está muito interessado em saber desses estudos, está muito interessado em se aproximar desses intelectuais, está muito interessado em ser convidado para participar de eventos produzidos pela academia. O que tem nos faltado, e sobre isso eu hoje tive uma discussão bastante interessante com o meu grupo de pesquisa, pois estamos organizando um evento, é inverter a agenda das discussões públicas sobre as questões religiosas. Reduziremos a primazia das grandes lideranças, dos grandes nomes, dos grandes líderes religiosos desse país. Figuras como Silas Malafaia, padre Marcelo, Edir Macedo têm uma importância dentro dos seus campos religiosos, dentro das suas confissões, mas eles não podem ser vanguarda sobre o que a sociedade brasileira tem de discutir. Ao contrário, essa vanguarda cabe aos intelectuais, aos professores, aos doutorandos, aos mestrandos. Nós temos que ser capazes de criar, nos nossos espaços de trabalho, temas e objetos pelos quais a mídia venha se interessar a promover, patrocinando um congresso, por exemplo. Temos que ser capazes de intervir nos grandes debates. Pense, por exemplo, que a cada quatro anos o tema *aborto* aparece nas discussões entre candidatos à presidência da República. Se o candidato A ou o candidato B é favorável ou é contra o aborto, nós temos questões muito mais prioritárias e urgentes, como saúde pública, saneamento básico, transporte. Uma série de questões muito mais relevantes para a sociedade brasileira deixa de ser discutida porque uma agenda conservadora, retrógrada, aparece e se impõe. Então, nós, intelectuais, temos que comparecer nestes debates, temos que preparar as agendas e colocá-las para discussão e não estarmos a reboque de indivíduos que mal sabem distinguir o que são o Antigo e o Novo Testamentos.

10: A percepção plural acerca do paleocristianismo, assim como das demais crenças antigas, pode nos auxiliar na compreensão do mundo atual, marcado por intolerâncias e fundamentalismos religiosos?

R: Essas reflexões só ajudam e só esclarecem as sociedades contemporâneas porque todas essas experiências religiosas demandam um livro sagrado. Pense, por exemplo, no islamismo: estudos sobre o *Alcorão* sempre serão lugares, por excelência, para que os próprios religiosos e os pesquisadores se voltem. Uma experiência religiosa contemporânea, se não tiver sustentação num livro sagrado que a constitua, está perdida. Portanto, quando um acadêmico se debruça sobre um livro sagrado, dos budistas, do islã, do judaísmo, do cristianismo, essas pesquisas tornam-se bastante relevantes, pois o que vamos falar poderá ter convergência ou enormes divergências com os campos religiosos contemporâneos. Lembre-se, toda pesquisa é contemporânea. Não existe uma Antiguidade onde o pesquisador aporte por meio de uma máquina. Essa Antiguidade, o pesquisador constrói teórica e metodologicamente. E essa Antiguidade construída está em diálogo absolutamente direto e ininterrupto com o tempo presente. Logo, tudo o que o pesquisador falar sobre a Antiguidade, as pessoas lerão, com toda a certeza, como questões colocadas para o tempo presente, principalmente se o assunto disser respeito às experiências religiosas que ainda existem, isto é, os judaísmos, cristianismos, islamismos, budismos, xintoísmos e assim sucessivamente.